



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
CAMPUS IV- DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

DANIELLY DE LIMA PIMENTA

**MIMESIS E VEROSSIMILHANÇA: A RELAÇÃO AUTOR/NARRADOR NA OBRA
“O FILHO ETERNO” DE CRISTOVÃO TEZZA.**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2023**

DANIELLY DE LIMA PIMENTA

**MIMESIS E VEROSSIMILHANÇA: A RELAÇÃO AUTOR/NARRADOR NA OBRA
“O FILHO ETERNO” DE CRISTOVÃO TEZZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo.

Catolé do Rocha- PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P644m Pimenta, Danielly de Lima.
Mimesis e verossimilhança: a relação autor/narrador na obra "O filho eterno" de Cristovão Tezza. [manuscrito] / Danielly de Lima Pimenta. - 2023.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Literatura. 2. Ficção. 3. Realidade. 4. Tezza. I. Título

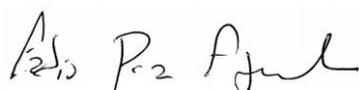
21. ed. CDD B869.3

DANIELLY DE LIMA PIMENTA

**MIMESIS E VEROSSIMILHANÇA: A RELAÇÃO AUTOR/NARRADOR NA
OBRA "O FILHO ETERNO" DE CRISTOVÃO TEZZA.**

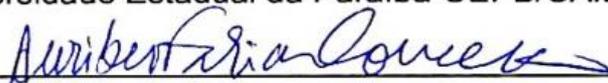
Trabalho de Conclusão de Curso
o apresentado ao Departamento de
Letras e Humanidades –
CCHA/CAMPUS IV, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras
Português.

APROVADO EM: 29 de Novembro de 2023.



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/CAMPUS IV



Prof. Dr. Auriberto Farias Conceição (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/CAMPUS IV



Prof^ª. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão, primeiramente, a Deus, por me conceder forças e orientação, permitindo-me perseverar diante dos desafios. Agradeço, de coração, à minha querida família pelo apoio incondicional e suporte, em especial à minha mãe, Maria José e ao meu pai, Damião. Vocês são minha base, e agradeço por sempre acreditarem em mim.

Ao meu amado esposo Caio, meu companheiro de jornada, agradeço por seu apoio constante. Sua presença foi um alicerce fundamental durante todo o percurso, e sou grata por ter você ao meu lado.

Um agradecimento especial ao meu dedicado orientador, o professor Fábio, pelo inestimável conhecimento, contribuições valiosas e paciência ao longo de todo o processo. Suas orientações foram fundamentais para o sucesso desta jornada acadêmica, e sou imensamente grata.

Expresso também minha gratidão aos amigos e colegas que estiveram ao meu lado durante esses cinco anos. Seus incentivos e compartilhamentos de experiências foram cruciais para o meu crescimento. Em particular, quero agradecer à minha amada “Turminha de riacho”: Anderson, Jussara, Izabel, Marcinha e Nádia. Os quais foram muitas vezes minha base e força nos meus momentos de ansiedade e de medo, que dividiram muitos momentos de lutas junto comigo e que também proporcionaram muitas risadas. Cada evento vivido ao lado de vocês será eternamente guardado em minha memória. Compartilhar momentos de desafios e conquistas com vocês tornou todo o percurso mais leve e divertido. Desejo a todos muito sucesso e obrigada.

Agradeço à minha amiga Andreia também, seu apoio e incentivo constante foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Não posso deixar de expressar minha gratidão aos professores da UEPB, cujo conhecimento transmitido contribuiu significativamente para a minha formação.

Aos dedicados funcionários da universidade, meu sincero agradecimento. Em especial, agradeço ao Neto por seu constante suporte e disposição em esclarecer nossas dúvidas.

Quero estender meu agradecimento ao meu amigo Apolo, de maneira direta ou indireta, você foi uma das razões fundamentais para essa pesquisa.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho e para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Com todo carinho e gratidão, dedico este trabalho à minha amada família e aos meus amigos, em especial, aos meus pais, irmãos e à minha querida sobrinha, Ana Heloyse.

Se não fosse a literatura, poesia e ficção nada saberíamos do mistério individual dos outros, do seu mundo interior, da multiplicidade psicológica do homem.
(MEYER, 1986, p.8)

RESUMO

A literatura é um tipo de arte que nos convida a conhecer novos lugares, novas pessoas e novas histórias. Em alguns momentos, ela pode ser vista como um espelho que reflete a “vida real” por meio da ficção, fazendo assim uma ligação entre esses dois mundos. Por isso, é importante estudarmos as complexas conexões intrínsecas entre vida e obra. Partindo disso, nesta pesquisa apresentamos a obra brasileira contemporânea “O filho eterno” de Cristóvão Tezza, que ficou bastante conhecida por possuir aspectos peculiares da vida do autor na obra. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como a vida do escritor Cristóvão Tezza serve de combustível para sua criação literária, especificando, discutir a mimética de vida e obra do autor, perceber a relevância social da obra e destacar os aspectos emocionais (catárticos) que envolvem o leitor no processo de identificação com o texto. Tendo em vista isso, esse trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, cujas referências teóricas são: Almeida (2011), Candido *et al.* (2009), Costa (1992). A partir da realização da pesquisa, foi possível perceber que existe de fato uma relação entre vida e obra e que muitos autores usam essa ferramenta de ficção e realidade para falar sobre assuntos fortes e reflexivos.

Palavras-chaves: Literatura. Ficção. Realidade. Tezza

ABSTRACT

Literature is a form of art that invites us to explore new places, meet new people, and delve into new stories. At times, it can be seen as a mirror reflecting "real life" through fiction, thus creating a connection between these two worlds. Therefore, it is important to study the intricate intrinsic connections between life and work. With this in mind, this research presents the contemporary Brazilian work "O filho eterno" by Cristóvão Tezza, which became well-known for incorporating peculiar aspects of the author's life into the narrative. From this perspective, the overall objective of this study is to analyze how the life of the writer Cristóvão Tezza fuels his literary creation, specifically discussing the mimetic relationship between the author's life and work, understanding the social relevance of the work, and highlighting the emotional (cathartic) aspects that engage the reader in the process of identification with the text. Considering this, the present work is a qualitative bibliographic research, with theoretical references from Almeida (2011), Candido et al. (2009), and Costa (1992). Through the research, it was possible to perceive that there is indeed a relationship between life and work, and many authors use this fusion of fiction and reality to address strong and reflective subjects.

Keywords: Literature. Fiction. Reality. Tezza

SUMÁRIO

| | | |
|------|---|----|
| 1. | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. | UM ESCRITOR POR EXCELÊNCIA: NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS SOBRE CRISTOVÃO TEZZA..... | 13 |
| 3. | FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DE “O FILHO ETERNO” | 19 |
| 3.1. | A Interação Autor-Personagem | 23 |
| 4. | ANÁLISE DA OBRA “O FILHO ETERNO” DE CRISTOVÃO TEZZA | 27 |
| 5. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 33 |

1. INTRODUÇÃO

A Literatura é uma das grandes manifestações artísticas do ser humano. Não se sabe ao certo quando ela de fato surgiu, e nem existe uma definição concreta sobre o seu termo, uma vez que ela é muito mais do que palavras. Marcada por várias categorias e gêneros, a literatura tem o poder de transportar os indivíduos para outras realidades e experiências, sejam elas ficcionais ou não. Atualmente, têm surgido muitos escritores que tentam inovar em suas obras e deixar sua marca registrada. O livro "O filho eterno", do grande escritor brasileiro contemporâneo Cristóvão Tezza, publicado em 2007 pela editora Record, é um exemplo dessa inovação, sendo considerado pela crítica e por muitos leitores como um livro autêntico e criativo.

O livro "O filho eterno", narrado em terceira pessoa, conta a história de um casal que espera ansiosamente pela chegada do seu primeiro filho. Somente após o nascimento, eles descobrem que o bebê é portador da Síndrome de Down. A partir dessa descoberta, observamos a trajetória da família, suas dificuldades e aprendizados diante dessa condição. A obra se passa nos anos 80, época em que havia muito preconceito e pouco conhecimento sobre a Síndrome de Down, tornando-se cada vez mais difícil aceitar essa nova situação. Diante de todos os acontecimentos inesperados, o pai, um dos personagens principais, recebe essa notícia de maneira negativa, chegando ao ponto de, em muitos momentos, preferir a morte do filho.

A obra foi premiada em várias categorias, como o Prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos Teatrais), o Prêmio Jabuti, o Prêmio São Paulo de Literatura, entre outros. Além disso, foi traduzida para várias línguas e adaptada para o teatro e o cinema. Com a publicação do livro e a grande aceitação do público, Cristóvão Tezza dedicou-se inteiramente à sua carreira na literatura, sendo reconhecido nacional e internacionalmente. Embora tenha sido publicada como um romance, muitos críticos a consideram uma autobiografia, devido aos traços semelhantes entre a vida do próprio escritor e a vida do personagem "pai," estabelecendo uma ligação entre a realidade e a ficção. Esses aspectos da criação literária e da realidade são alguns dos pontos mais marcantes nessa narrativa.

Partindo desse pressuposto, surge a seguinte indagação: Quais são os limites estabelecidos entre a ficção e a realidade? Nesse sentido, o objetivo geral desta

pesquisa é analisar como a vida do escritor Cristovão Tezza serve de combustível para sua criação literária. Nos objetivos específicos, temos: estudar a relação mimética entre a vida e a obra de Cristovão Tezza, perceber a relevância social da obra literária e destacar os aspectos emocionais (catárticos) que envolvem o leitor no processo de identificação com o texto.

A realização dessa pesquisa se justifica por alguns questionamentos pessoais que surgiram após a leitura do livro "O filho eterno", durante a disciplina de literatura brasileira contemporânea no 8º período do curso de licenciatura em letras/português na Universidade Estadual da Paraíba em Catolé do Rocha-PB. Dentre tantos motivos para essa pesquisa, o sentimento pessoal foi o que proporcionou a curiosidade de pesquisar e conhecer mais sobre a obra, e entender até que ponto o autor estava ficcionando a história e até que ponto estava narrando fatos de sua vida.

O interesse em valorizar obras brasileiras contemporâneas foi outro ponto que incentivou essa pesquisa, uma vez que, por serem obras atuais, existem poucos estudos voltados para elas. A literatura brasileira contemporânea muitas vezes tem o poder de proporcionar à sociedade uma reflexão sobre os contextos em que vivem, as mudanças que acontecem, as contradições e incertezas da geração atual. Cristovão Tezza em sua obra conseguiu criar um vínculo entre a realidade e a ficção, abordando um assunto de extrema relevância para a sociedade. Além disso, alcançou a grande façanha que poucos autores brasileiros contemporâneos conseguem, sendo reconhecido tanto pelo público, quanto pelos críticos. A partir disso, podemos analisar a importância da presente pesquisa.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos desta pesquisa se enquadram em uma abordagem bibliográfica de cunho qualitativo. Os alicerces que permeiam esse trabalho foram: Almeida (2011), Candido et al. (2009), Costa (1992), entre outros. Dentre as inúmeras concepções e teorias de Candido, focamos em discutir as questões em torno da construção das personagens. No que se refere às teorias de Platão, debatemos sobre a sua visão em torno da mimética, utilizando também as visões de Costa sobre as teorias de Aristóteles em sua poética.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa está organizada em três capítulos: O primeiro, intitulado "Um escritor por excelência: notas biobibliográficas sobre Cristovão Tezza", no qual abordamos sobre a vida e as obras do escritor desde a sua infância até os dias atuais. No segundo capítulo, "Fundamentos teóricos

para uma leitura crítica de ‘*O filho eterno*’”, falamos sobre o vínculo existente entre a literatura e a realidade. E por fim, no terceiro capítulo, intitulado "Análise textual de fragmentos da obra 'O filho eterno' de Cristovão Tezza", realizamos uma análise da obra.

2. UM ESCRITOR POR EXCELÊNCIA: NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS SOBRE CRISTÓVÃO TEZZA.

Cristóvão Tezza é um autor brasileiro de muito destaque na literatura contemporânea. Premiado com vários títulos, o autor ficou reconhecido tanto nacional quanto internacionalmente, sendo suas obras traduzidas em muitos países. Nascido em 21 de agosto de 1952, na cidade de Lages, em Santa Catarina, Cristóvão viveu boa parte de sua infância nessa cidade. Aos oito anos, ficou órfão de pai em um acidente de carro. Após esse fato traumatizante, mudou-se para Curitiba, no Paraná, com sua família, com o intuito de buscar mais oportunidades de estudos. Desde então, vive em Curitiba, cidade que é cenário de quase todas as suas obras.

Na adolescência, em 1968, Tezza entrou para o teatro, no grupo Centro Capela de Artes Populares (CECAP), dirigido por Wilson Rio Apa, onde apresentou várias peças teatrais, como a peça de Denise Stoklos, duas montagens do XPTO, entre outros. Foi nesse lugar que Cristóvão Tezza construiu uma bela amizade com Wilson Galvão do Rio Apa, mais conhecido como W. Rio Apa, um grande escritor e dramaturgo, que virou uma espécie de segundo pai para ele, inspirando-o a escrever algumas peças teatrais.

Havia conhecido um guru, exótico e original desde o nome, W. Rio Apa, que era também um escritor de verdade, com livros publicados nacionalmente, o que me impressionou era o primeiro escritor real que eu via de perto, e que iria exercer uma influência marcante na minha vida nos dez anos seguintes. (TEZZA, 2012, p. 36)

Desde muito cedo, Tezza demonstrou interesse pela arte em geral, mas foi na escrita que ele encontrou a sua vocação e a forma de expressar-se com o mundo. Tezza escreveu a sua primeira peça teatral aos 15 anos, e não ficou só nisso, escreveu outras, como: *Monólogo do amanhã*; *O papagaio que morreu de câncer*; *Os confinados*, *O sétimo céu* e entre outras. O autor só encerrou o seu vínculo com o teatro no ano de 1977.

Em 1971, após terminar o segundo grau do ensino médio, o autor entrou na Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante no Rio de Janeiro, com o sonho de se tornar piloto da marinha, entretanto esse sonho desapareceu com pouco tempo em que estava lá, pois ele não suportava a rigidez e a inflexibilidade da

escola, levando-o a desistir do curso no mesmo ano. Após esse momento, o jovem Cristóvão ficou desorientado sem saber exatamente qual passo seguir, até que começou uma paixão fascinante por relógios, iniciando um curso de relojoeiro, no começo por um mero hobby, mas com o tempo passou a trabalhar com isso, montando uma loja de consertos. Contudo, durou pouco tempo, pois o negócio não gerava muito dinheiro e veio à falência.

No ano de 1974, por meio de um acordo luso-brasileiro, Cristóvão Tezza conquistou uma vaga no curso de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, realizando o sonho de morar em outro país. Entretanto, já matriculado, foi impedido de concretizar esse sonho, uma vez que com a Revolução dos Cravos, o qual foi o golpe militar que pôs fim à ditadura salazarista, a faculdade ficou fechada por um ano. Com isso, Tezza viajou clandestinamente para vários países da Europa até chegar um momento em que não havia mais dinheiro e precisava trabalhar. Foi então, que com o pouco dinheiro que ainda tinha, Tezza viajou para a cidade de Frankfurt, na Alemanha, e arrumou um emprego no Hospital das Clínicas, onde trabalhou por um ano e só após juntar dinheiro para a passagem retornou ao Brasil.

Regressando ao Brasil, conheceu a bela jovem Elizabeth Maria de Almeida, com quem se casou no ano de 1977, tendo dois filhos: Felipe de Almeida Tezza em 1980, e a Ana de Almeida Tezza nascida em 1982, dois anos após o nascimento de Felipe. No mesmo ano, o autor conseguiu então formar-se em Letras pela Universidade do Paraná e no ano posterior conseguiu fazer um mestrado em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, onde também estagiou como professor. Após finalizar o mestrado voltou para o Paraná e lá conseguiu uma vaga de professor na Universidade Estadual do Paraná, no qual lecionou até 2009.

Ao longo de todo o percurso, Tezza escrevia seus romances e dava vida aos seus personagens, porém a publicação do seu primeiro livro só aconteceu no ano de 1971, com um livro de literatura juvenil intitulado: “Gran Circo das Américas” que trata sobre questões de amadurecimento, dos desafios que a vida lhe impõe. O livro possuía muitas questões dramáticas e internas que levam o leitor a refletir sobre escolhas e consequências. Após essa publicação, o autor publicou outras obras como: “A cidade inventada” em (1980), “O terrorista lírico” em (1981) entre outras.

Posteriormente escreveu “O ensaio da paixão”, romance esse que conta a história de um grupo de pessoas totalmente aleatórias, que possuem profissões

totalmente diferentes, realizando uma peça teatral sobre a paixão de Cristo em uma ilha no sul do Brasil. A obra não baseia-se em apenas um personagem, e sim demonstra a faceta de vários. Apesar de ter um tom humorístico e irônico, a obra aborda assuntos bastante relevantes para época, ao expor temas, como: machismo, política nos anos 80, repreensões, preconceitos, etc. Essas questões sociais são algo que é bastante predominante em suas obras.

Em 1988, Tezza publicou o livro "Trapo", um romance que tem como temática um assunto delicado, o suicídio. A história fala sobre um jovem poeta, o qual é encontrado morto no seu apartamento, deixando apenas um manuscrito, que por obra do destino, é entregue a um professor aposentado. Então esse professor, além de resolver publicar esse manuscrito, ainda tenta investigar os motivos que levaram o jovem Trapo a se suicidar. Esse livro foi a porta de entrada para Cristóvão Tezza ser reconhecido nacionalmente. Veridiana de Almeida confirma esse fato em sua tese de doutorado intitulada: "confissão com ficção: a criação biográfica-literária de Cristóvão Tezza" ao dizer que:

Dentro do contexto da construção da carreira de escritor, que levou décadas para ser consumada, parece que a crítica começou a perceber a obra de Tezza a partir de Trapo (1988), a primeira obra lançada nacionalmente, que teve posfácio de Paulo Leminski, sendo adaptada para o teatro e encenada em 1992, sob a direção de Ariel Coelho e com Claudio Mamberti e Marcos Winter à frente do elenco. (ALMEIDA, 2011, p.35.)

A visibilidade que esse livro proporcionou permitiu-lhe ser conhecido no meio acadêmico, a narrativa tem um ar mais realista, característica que ficaria marcante nas obras de Tezza nos anos seguintes. Segundo Braga (2022, p.19): "Devido à narrativa ter se tornado um dos seus primeiros romances com relativo sucesso de público e crítica, no ano de 2018 foi veiculada, pela Editora Record, uma nova edição, em comemoração aos trinta anos de seu lançamento". Tornando-o um marco na vida de Tezza. Além dessa obra, Tezza também publicou outros livros, como: *O Terrorista Lírico* (1981), *Aventuras Provisórias* (1989), *Juliano Pavollini* (1991), *A Suavidade do Vento* (1991), *O Fantasma da Infância* (1994), *Uma Noite em Curitiba* (1995), *Breve espaço entre cor e sombra* (1998), entre outros.

Apesar de ser mais conhecido como ficcionista, o autor Cristóvão Tezza também embarcou em aventuras em torno de textos teóricos e complexos. Grande defensor e admirador das teorias de Mikhail Bakhtin, dedicou-se em estudar e

escrever em sua tese de doutorado sobre a relevância do formalismo na prosa e poesia, ao qual tinha como título: “Entre a prosa e a poesia — Bakhtin e o formalismo russo”, que, posteriormente, tornou-se um livro, o qual foi publicada em 2002 pela editora Rocco. Cristóvão também escreveu algumas crônicas e textos didáticos focados na escrita para universitários, por isso, Tezza demonstrou ser, além de um romancista, contista, dramaturgo, ator, também um bom teórico e professor.

Sendo um autor contemporâneo, a maioria de suas obras tem como temática questões do nosso contexto atual que são de extrema relevância para toda a sociedade, principalmente por serem na maioria das vezes assuntos delicados, entretanto a sua marca registrada, sem dúvida, é o tom confessional que tem nas entrelinhas de suas escritas. Atualmente, Tezza possui mais de 20 livros publicados no Brasil, no qual várias já foram traduzidas para outros países, como: China, Estados Unidos, Inglaterra, México, Noruega, Eslovênia, Dinamarca, entre outros.

Apesar de ter publicado muitos livros em grandes editoras, como a Record e a Rocco e ter feito um pouco de sucesso com o lançamento de “Trapo”, Tezza não era tão conhecido pelo público, talvez pelo fato de não ser um autor do cânone brasileiro, todavia com o lançamento do livro “O filho eterno” em 2007 pela editora Record, Tezza ficou conhecido como um dos grandes escritores brasileiros contemporâneos do momento. De acordo com Braga (2022, p.22) em sua tese de doutorado intitulada: “fragmentação e autoficção: o professor, de Cristóvão Tezza”, “É inegável que O filho eterno pode ser considerado um marco e um divisor de águas na trajetória do escritor”, uma vez que a sua maior fama aconteceu após o lançamento desse livro.

Esse sucesso instantâneo da obra teve um impacto grande na vida do escritor que jamais poderia imaginar que a partir do lançamento daquele livro em 2007, sua vida mudaria surpreendentemente por completo, ao ponto de ele mesmo confessar, em uma entrevista para o site “Helena, uma revista de ideias, artes e cultura” tendo como manchete “um operário da escrita”, que jamais imaginaria tamanha repercussão. “O filho eterno” sem dúvidas foi uma revolução nas suas obras, um evento transformador. Segundo ele, ao ver tanto sucesso, se questionava o que poderia ter levado a isso. “Até eu me assustei com a repercussão. Relia o livro e pensava: De onde veio isso?” (TEZZA, 2019, p. 7).

A obra possui 224 páginas divididas em 25 capítulos não numerados, e trata sobre o nascimento de um filho e a Síndrome de Down. Após o seu lançamento, foram vendidos mais de 40 mil exemplares, e atualmente está na sua vigésima quarta edição, edição essa, especial. O romance foi adaptado em 2011 para uma peça teatral, por Bruno Lara Resende, tendo como direção Daniel Herzem, e em 2016, foi adaptada também para os cinemas, o livro tornou-se uma espécie de best seller para o público, atraídos pela escrita de Cristovão Tezza. Como já foi mencionado, a obra foi ganhadora de vários prêmios, como: o Prêmio Jabuti (2008), e o Prêmio Portugal Telecom (2008). A obra também foi destaque no exterior, contemplado com prêmios, como: o Prêmio Prix littéraire Charles-Brisset (2009) na França, e o International IMPAC Dublin Literary Award.

Com a vasta trajetória e o reconhecimento do público, as obras de Cristóvão Tezza passaram a ser motivos de várias pesquisas e estudos. Muitos artigos, tese e entrevistas tentaram desvendar os mistérios de sua escrita e de seu sucesso, focando em temáticas sobre família, autoficção, paternidade, autobiografia, entre outros. De acordo com Schollhammer no seu livro “ficção brasileira contemporânea” que trata sobre obras ficcionais contemporâneas das últimas décadas, fala sobre Cristóvão Tezza e o seu sucesso com o livro “O filho eterno”:

Tezza viu seu lugar consolidado com o livro *O filho eterno* (2007). Aparentemente, o sucesso foi tanto de crítica quanto de público, o que por si só já oferece motivos para se discutir de que maneira um livro acerta numa veia das expectativas contemporâneas, como um golpe certo no espírito do tempo. (Schollhammer, 2011, p. 105).

Sendo assim, não é de se estranhar, as pesquisas voltadas para essa obra e as demais do autor. Marisa Lajolo (2023), grande escritora e crítica literária, em seu artigo: “um autor, um narrador e nenhum heróil”, teceu inúmeros elogios a escrita do romance. Segundo ela, o livro consegue captar toda a atenção do leitor, de forma que cada página transmite uma nova emoção, sendo considerada uma obra-prima de destaque.

Com todo sucesso da obra “O filho eterno”, o escritor Tezza deixou o seu trabalho de professor em 2009 e conseguiu dedicar-se inteiramente à literatura, algo que sempre almejou fazer. Ainda assim, de forma indireta continuou a está presente dentro do contexto educacional, ao continuar com vínculo com o meio acadêmico,

participando de eventos, congressos e seminários. O autor passou alguns anos para conseguir publicar outra obra, pois sentia um peso em escrever algo tão bom quanto o sucesso anterior. Foi então que ele publicou o livro “Um erro emocional” em 2010, no ano seguinte, dedicou-se aos contos, publicando o livro “*Beatriz*”. Posteriormente, publicou outros romances como: *O professor* (2014), *A tradutora* (2016), *A tirania do amor* (2018) e *a tensão superficial do tempo* (2020).

A trajetória de Cristóvão Tezza é muita inspiradora e mostra os motivos que o levaram a ser reconhecido, hoje em dia, mundialmente. Suas obras têm um papel fundamental para a valorização da literatura brasileira contemporânea, uma vez que ele é um dos grandes nomes da atualidade. Além disso, suas obras também contribuem para a sociedade, tendo em vista que trazem muitos questionamentos pertinentes sobre temáticas importantes, que levam os leitores a refletirem sobre o assunto, construindo assim, uma transformação social por meio da literatura, como é o caso da obra “O filho eterno”.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DE “O FILHO ETERNO”.

O termo “ficção” deriva do latim “*ōnis*” que significa o “ato ou efeito de fingir”. Esse termo nasceu em paralelo com o desenvolvimento da humanidade e de sua cultura, pois a partir do momento em que os seres humanos começaram a compreender sua própria consciência e sentiram a necessidade de entender o mundo ao seu redor, a ficção surgiu e procederam a um papel de extrema importância nesse processo, permitindo que os seres humanos construíssem ideias, histórias, conceitos que representassem o mundo em que viviam e suas experiências. Portanto, a ficção se tornou um símbolo de experiências, uma forma de expressar e comunicar as complexidades da vida e das condições humanas.

Na literatura, o texto ficcional ou fictício é um tipo de texto que recorre à fantasia para retratar eventos, pessoas, cenários, histórias, etc. Ele surgiu há muito tempo, sendo um dos mais antigos meios de entretenimento. Os romances, por exemplo, são tipos de textos ficcionais, ao reunir em suas narrativas características da imaginação e do inventar, construindo histórias. Outros gêneros literários também fazem parte desse conjunto ficcional, como: os contos, as novelas, as fantasias, etc., sendo esses, alguns dos principais tipos de gêneros ficcionais.

Apesar da significação do seu termo, a ficção vai muito além da imaginação, pois ela também transita entre o “real”. O autor, geralmente, ao elaborar um texto ficcional se baseia em aspectos reais, transformando e modificando-o, podendo levar o leitor a refletir sobre temas complexos da vida. Sendo assim, o autor pode criar e recriar fatos, explorando questões da vida através da ficção. Consoante o renomado crítico literário e ensaísta, Anatol Rosenfeld (2009), em “literatura e personagem”, a ficção não tem necessariamente o compromisso com a realidade e a verdade, mas adquire características e traços ao longo de sua elaboração, possuindo assim vínculos.

Sendo assim, o texto ficcional possui uma relação complexa e multifacetada com a realidade. Uma das principais formas que o texto ficcional se conecta com o real é por meio da representação da realidade. Esse assunto já foi bastante discutido há muito tempo, na Grécia, pelos dois grandes pensadores, filósofos e fundadores da filosofia ocidental daquele momento, Platão e o seu discípulo

Aristóteles, que estudavam sobre a representação da realidade. Suas teorias sobre o assunto até hoje são discutidas e analisadas por muitos.

No Ocidente, Platão, um dos filósofos mais conhecidos e fundador da academia de Atenas, acreditava na existência de um “mundo de ideias”, para ele a realidade da vida estava nesse mundo, e não no mundo concreto e físico em que vivemos. O mundo concreto, ou como ele intitulava, “O mundo sensível”, era apenas uma cópia imperfeita da realidade, sendo um reflexo do “mundo de ideias”. No pensamento de Platão, a ideia de um objeto, era mais real do que o próprio objeto, pois sua ideia já estava estabelecida e era imutável.

Ao focar no âmbito da arte, Platão desprezava qualquer tipo, tendo em vista que de acordo com ele, a arte era falsa, uma imitação do “mundo sensível”, que conforme os seus pensamentos, era uma cópia do mundo das ideias, ou seja, uma cópia da cópia. “A arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição” (PLATÃO, 1993, p. 455, tradução PEREIRA). Ele acreditava que a arte era apenas uma “mimesis”, ou seja, uma imitação imperfeita da realidade, foi a partir de seu estudo, que o termo “mimesis” ganhou um significado de destaque. Conforme a doutora em teoria da literatura, Lígia Militz Costa, afirma:

Nos começos da civilização grega, a palavra mimesis não se apresentava com uma significação. (...) “Platão (427?-347? a.C.) concedeu à palavra importância capital, compreendendo-a como um tipo de produtividade que não criava objetos "originais, mas apenas cópias (eikones) distintas do que seria a verdadeira realidade".(COSTA, 2006, p. 05).

No seu livro “A República” escrito por volta de 380 a.C., sendo um dos mais conhecidos do filósofo, Platão critica arduamente o papel da arte, e principalmente o da poesia épica e trágica. Entre os principais motivos para essas críticas, Platão apontava o fato de as poesias possuírem relação direta com a mimesis, e com as emoções humanas. Segundo seus pensamentos, esses dois fatores eram prejudiciais e perigosos para a humanidade, visto que eram falsos e poderiam provocar confusões na mente humana sobre o que era real. Platão também enxergava a poesia como inferior a outros meios de conhecimento. “(...) todas as obras dessa espécie se me afiguram ser a destruição da inteligência dos ouvintes,

de quantos não tiverem como antídoto o conhecimento da sua verdadeira natureza” (PLATÃO, 1993, p. 449, tradução PEREIRA).

Em controvérsias a esse pensamento críticos de Platão, Aristóteles, que foi também um dos grandes nomes da filosofia e discípulo de Platão, possuía uma visão diferente, ao lançar um novo olhar sobre os aspectos da “mimesis” na poesia e na arte em geral, enxergando como uma possível representação do real, uma verossimilhança, ou seja, uma representação do que poderia ter acontecido e não apenas uma imitação. Através de esse novo olhar, as artes, como: poemas, pinturas, teatro, etc., passaram a serem vistas como importantes papéis para a sociedade.

(...) a arte passa a ter, com ele, uma concepção estética, não significando mais "imitação" do mundo exterior, mas fornecendo "possíveis" interpretações do real através de ações, pensamentos e palavras, de experiências existenciais imaginárias. (COSTA, 2006, p. 06)

Outro momento importante das relações do texto ficcional e do real foi no movimento do realismo. O realismo foi um movimento literário que teve grande impacto no mundo literário por volta do século XIX. Muitos autores utilizaram da ficção e da realidade para abordar assuntos do cotidiano e denunciar questões do contexto em que viviam indiretamente, sem serem perseguidos e acusados. Foi nesse movimento que a mimese e a verossimilhança tiveram o auge de seu destaque.

No Brasil, autores como: *Aluísio de Azevedo*, *José de Alencar*, *Adolfo Caminha* e vários outros ficaram conhecidos por utilizar essas técnicas. Machado de Assis, por exemplo, um dos principais colaboradores do movimento do realismo, no livro “*Memórias póstumas de Brás Cubas*” publicado no ano de 1881, recorreu à imaginação e a ficção para fazer inúmeras críticas, como: a desigualdade social, a ambição, a ciência, etc., denunciando as imperfeições da sociedade daquela época.

Diante de todas essas concepções acerca da representação da realidade da vida humana, é possível perceber que existe uma relação indiscutível entre o real e o ficcional, entre a realidade e a imaginação. Essa ligação nos possibilita a visualizar novas formas e com isso refletir sobre o mundo, uma vez que a literatura é uma janela para a vida, constatando a ideia de que a “a arte pode imitar a vida e a vida

pode imitar a arte”, tendo em vista que existe uma conexão entre a criação artística e a experiência humana.

3.1. A Interação Autor-Personagem

Por muito tempo muitos teóricos defenderam a ideia da separação do autor de sua obra, os mais conhecidos, sem dúvidas, foram Roland Barthes com a sua teoria da “Morte do autor” (2004), e posteriormente, Michel Foucault com a teoria do “Apagamento do autor”, ambos defendiam a ideia de que era necessário separar o autor de sua obra, uma vez que só assim, o leitor conseguiria ter as suas próprias interpretações, tendo em vista que a figura do autor seria uma forma de controle do discurso. Roland Barthes defendia essa ideia em seu ensaio, ao dizer que: “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor” (BARTHES, 2004, p. 65).

Apesar de essas teorias terem sido bastante conhecidas, muitos críticos apontaram controvérsias a esses pensamentos estruturalistas, dado que com a “morte do autor” o texto poderia perder o sentido, tendo em vista que muitas vezes o autor é uma fonte de informações. Foi então, que com o tempo houve a “ressuscitação do autor” que passou a ser reconhecido como uma chave importante para desvendar os mistérios de suas obras, apesar de concordarem que a interpretação do leitor é algo também essencial. A partir disso, o autor passou a ser valorizado. Conforme Almeida (2011, p.68), em sua tese de doutorado, “Confissão com ficção: a criação biográfico-literária de Cristóvão”, o conceito de autor do século XXI passou a ser: “alguém definido com um nível constante de valor, com uma coerência conceitual/ teórica, com uma unidade estilística e com um momento histórico definido”. Os estudos voltados para o escritor passaram a ser novamente centro de discussões.

Atualmente, na literatura, com o avanço das tecnologias, por meio das redes sociais, blogs, revistas, etc., os leitores têm acesso a informações detalhadas sobre a vida dos autores e sobre as suas histórias. Muitas vezes, os leitores tentam relacionar a história do autor com seus personagens, na esperança de desvendar se há, de fato, alguma ligação. Mas afinal, será que existe mesmo uma conexão da vida dos autores com seus personagens? Esse debate em torno dessas questões não chama apenas a atenção dos leitores, mas também de inúmeros críticos e teóricos que tentam entender até que ponto os limites entre autor e seus personagens se estabelecem. Por meio de estudos aprofundados, eles analisam como as vivências dos escritores podem influenciar no desenvolvimento de seus personagens.

De acordo com Antonio Candido *et al.* (2009) em “A personagem de romance”, a personagem é um dos principais elementos da arte novelística, ou seja, ela desempenha um papel de extrema importância dentro da narrativa; por isso, é de suma importância entender sua elaboração. Um autor ao desenvolver uma personagem pode percorrer inúmeros caminhos durante a sua construção, pois a criação literária é um terreno de muitas possibilidades. Segundo Paniago (2012, p.89), “A liberdade que se dá ao escritor, ou a que ele conquista, é infinita, quando se trata de literatura”. É por meio dessa liberdade que a literatura nos permite viajar por lugares inimagináveis e construir personagens extraordinários.

Na literatura, onde a criatividade e a identidade se cruzam, surgem abordagens diferenciadas e complexas que extrapolam os tradicionais limites entre o autor e suas criações literárias, rompendo as barreiras convencionais. Uns desses maravilhosos fenômenos são, por exemplo, o uso dos pseudônimos, heterônimos e *alter-ego*, elementos esses que não só movimentam as identidades do autor, mas também o desenvolvimento de seus personagens, provocando uma reflexão sobre as tradicionais definições de autoria. Essas concepções expandem as formas de aprofundamento das experiências humanas, sendo assim, autores e criações literárias caminham por uma trilha de conhecimentos e autodescobertas.

O termo pseudônimo é um conceito frequentemente utilizado por muitos autores como uma máscara, para se camuflarem e se esconderem por trás de um nome fictício, ele é usado na maioria das vezes, quando o autor não quer assumir a sua “verdadeira identidade”. Historicamente, muitas escritoras passavam por preconceitos e utilizavam o pseudônimo masculino com o intuito de passar mais credibilidade, uma vez que as mulheres eram proibidas de escreverem. De acordo com Borges, o:

(..) pseudônimo conceitua-se como um nome utilizado para substituir o nome verdadeiro civil ou usual de um escritor ou responsável por obra literária, artística ou de outra natureza. As motivações que levam um indivíduo a fazer uso de pseudônimos são variadas, mas as principais são: preconceito, medo, insegurança, introspecção, razões políticas, burla, esperteza, questões econômicas. (BORGES,2022, p.12).

Já na contemporaneidade, frequentemente, os autores famosos utilizam os pseudônimos para escrever com mais liberdade, mediante a outros gêneros e estilos literários, sem serem pressionados pelos leitores. Um exemplo foi a escritora Joanne

Rowling, a qual é mais conhecida por J. K. Rowling, escritora da saga de “*Harry Potter*” que utilizou o pseudônimo Robert Galbraith para escrever um livro sobre um romance policial, um estilo literário totalmente diferente do que ela estava acostumada a escrever. Entretanto, pouco tempo depois ela foi descoberta. J. K. Rowling, em uma entrevista para a editora Rocco, confidenciou que criou o pseudônimo para afastar-se da fama que os livros de Harry Potter lhe proporcionaram, e assim, ter uma crítica imparcial sobre o livro, afastando sua vida de sua obra.

O pseudônimo proporciona ao autor a criação de uma persona literária, ou seja, um ser fictício, que quase sempre está ligado diretamente às suas personagens, pois alguns autores costumam nomear os seus pseudônimos com o mesmo nome de suas próprias personagens, abrindo portas para que a personagem conte a sua própria história, afastando assim ainda mais do autor. Essas complexidades adicionam camadas à narrativa, tornando-a mais atrativa e diversificada. Essa dinâmica entre o autor, o pseudônimo, e as personagens trazem uma interação única, onde a criatividade e a identidade se entrelaçam em um só, constituindo uma narrativa multifacetada e cativante.

Os heterônimos, por sua vez, são mais completos e definidos do que os pseudônimos, pois além de possuírem nomes fictícios, eles também representam personalidades literárias, por possuírem estilos definidos, visões de mundo e gostos próprios. “Assim como pseudônimos, o uso de heterônimos também se tornou frequente no ambiente literário. O que o diferencia do primeiro é a personalidade criada à nova assinatura” (BORGES, 2022, p.16). Fernando Pessoa, um dos poetas mais relevantes da literatura portuguesa no século XX, foi um dos primeiros escritores a ficarem conhecidos pelo uso dos heterônimos. Seus heterônimos eram como personagens literários distintos, cada um possuía sua própria visão de mundo e estilos de escrita. Alguns dos mais conhecidos, sem dúvidas, foram: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Caroline Rodrigues de Lima Poggetti, em sua pesquisa de mestrado, “A construção dialógica de sentidos em discursos poéticos nos heterônimos de Fernando Pessoa”, confirma isso ao dizer que:

Dentre todos os heterônimos de que se tem notícias hoje, três possuem fundamental importância no desenvolvimento do poema pessoano: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. A diferença entre eles é marcada tanto estética quanto discursivamente. (POGGETTI, 2019, p.14)

O *alter-ego* tem origem do latim e significa “O outro eu” e na literatura ele desempenha um papel de extrema importância na influência da relação do autor com os seus personagens, tendo em vista, que o autor cria o seu *alter-ego* ao expressar por meio de uma personagem uma parte de sua identidade interna que se manifesta através da narrativa. Na maioria das vezes, os autores utilizam o seu *alter-ego* para falarem sobre assuntos os quais não falaria normalmente. Expondo suas emoções, sentimentos e angústias através da personagem. Conforme Averino, A vida do autor se mistura e confunde com a da personagem que seria o que chamamos de “Um outro eu, que se cria a partir do autor, se transforma num personagem que abriga em um só corpo os elementos reais e ficcionais dele mesmo, possibilitando a aproximação do leitor e sua apropriação da obra”. (AVERINO, 2014, p. 15)

Como é notório, existe uma relação quase inegável entre o autor e seus personagens, dado que na maioria das vezes os autores podem incorporar elementos da própria vida, das suas vivenciadas e dos seus pensamentos para desenvolver as suas personagens. Refletindo assim nas características ou até nas motivações que o levam construir determinada personagem. Entretanto, o autor pode também utilizar ferramentas para tentar se distanciar das suas criações. De acordo com Candido et al. (2009, p. 48): “A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo (...)”.

Na literatura contemporânea, as conexões entre autores e personagens estão cada vez mais interessantes e intrigantes. Muitos autores buscam diariamente maneiras de inovar e explorar essas relações, desafiando as barreiras tradicionais existentes entre esses dois mundos. Na vida literária onde tudo é possível, a ficção e a realidade se entrecruzam de uma maneira fascinante. A obra “*O filho eterno*” do renomado escritor contemporâneo Cristovão Tezza é um exemplo dessa complexa e fascinante relação, pois o autor construiu um vínculo enorme com a sua personagem, ao ponto de ser motivo de várias pesquisas. Conforme Collares (2011, p.06): “É possível um livro agradar ao mercado e ter boa repercussão na crítica literária. Tal façanha foi conseguida pelo escritor Cristovão Tezza com o livro ‘*O filho eterno*’”. No próximo capítulo, examinaremos de perto essa obra.

4. ANÁLISE DA OBRA “O FILHO ETERNO” DE CRISTOVÃO TEZZA.

A obra “*O filho eterno*” do escritor Cristovão Tezza, como já foi exposto nos capítulos anteriores, foi um sucesso desde o dia do seu lançamento. O livro conseguiu alcançar vários públicos diferentes e se tornou uma das mais renomadas obras da literatura brasileira contemporânea. Inúmeros podem ter sido os motivos que causaram essa grande repercussão, como, por exemplo: o estilo literário peculiar do autor; ou a abordagem de um tema bastante sensível: como as relações complexas de uma família diante da Síndrome de Down, ou ainda as relações intrínsecas entre a vida do autor e a sua obra, algo que será destacado neste capítulo.

Desde o início de sua carreira, os aspectos em torno realidade sempre estiveram presentes nas obras do escritor Cristovão Tezza, todavia de uma maneira sutil e discreta. Entretanto, esse fato modificou-se com o lançamento do livro “*O filho eterno*” em 2009, pois os traços confessionais foram evidentes nessa obra. O próprio autor em muitas entrevistas afirma que se inspirou em momentos de sua vida para escrever o romance, colocando os dados biográficos como uma característica central. Por consequência disso, o autor e o personagem “Pai” possuem muitas similaridades, pois ambos são escritores, possuem filhos portadores da Síndrome de Down e o mesmo nome, “Felipe”. Na Folha de Londrina, Tezza comenta esses aspectos confessionais:

Gosto muito de literatura confessional, porque ela promove essa fusão de gêneros, o biográfico, o reflexivo e o ficcional, o ficcional não como a “fantasia”, mas como a relativização do olhar. (...) Outros livros meus têm essa estrutura confessional, como Juliano Pavollini ou Uma noite em Curitiba. Em *O filho eterno* coloquei o dado biográfico no centro do texto. (TEZZA, 2007, n.p) .

Essa reflexão entre ficção e realidade está presente em todo o livro, pois já nas primeiras páginas encontramos em uma das epígrafes, um complexo questionamento em torno de até que ponto conseguimos descrever a verdade, ou seja, a realidade, traduzindo-a em palavras. Pelos pensamentos do conceituado escritor austríaco do século XX, Thomas Bernhard, “Queremos dizer a verdade e, no entanto, não dizemos a verdade. Descrevemos algo buscando fidelidade à verdade e, no entanto, o descrito é outra coisa que não a verdade”. (Bernhard apud Tezza,

2009). Diante dessa frase é possível perceber que o autor Cristovão Tezza em nenhum momento esconde o fato da junção do ficcional e do real em seu romance, produzindo assim, um jogo sobre as fronteiras existentes entre esses dois mundos.

Concebido como um romance, o livro é narrado em terceira pessoa e conta a história de um casal que está à espera do seu primeiro filho. O cenário da história acontece em Curitiba, no Paraná, cidade essa que o próprio escritor, Cristovão Tezza, mora e que é referência em outras narrativas. De acordo com Cortez, Fellini, Bogoni, ao usar a terceira pessoa em sua obra, Tezza conseguiu distanciar um pouco da história:

Em sua obra, Tezza recorre a um narrador em terceira pessoa. Compreende-se que, ao instaurar a terceira pessoa, o enunciador cria o distanciamento, o olhar do outro sobre o fato – nesse caso, o pai está escondido pelo véu da narração em terceira pessoa. (CORTEZ, FELLINI, BOGONI, 2018, p.161)

A história tem seu começo marcado com o anúncio da tão esperada hora, o dia do nascimento do filho. Esse dia tão aguardado se torna o início não apenas da jornada da criança, mas também simboliza o início de uma mudança profunda na vida de todos que estarão à sua volta. Um dos protagonistas desta obra, sem dúvidas, é o personagem o “pai” no qual Tezza incorporou traços de sua própria vida. Desde o início, o personagem “pai” é apresentado como alguém complexo, que possui muitos conflitos em torno de suas emoções e ainda esta em busca de si. Sendo sustentado pela força constante de esposa que tem sido sua base há mais de quatro anos. O personagem “pai” é:

Alguém provisório, talvez; alguém que, aos 28 anos, ainda não começou a viver. A rigor, exceto por um leque de ansiedades felizes, ele não tem nada, e não é ainda exatamente nada. E essa magreza se movendo de uma alegria agressiva, às vezes ofensiva, viu-se diante da mulher grávida quase como se só agora entendesse a extensão do fato: um filho. (TEZZA, 2007, p.09)

Após o anúncio, o casal segue em busca do hospital e enquanto aguarda na sala de espera, o pai, imagina os seus amigos e parentes parabenizando, construindo altas expectativas e mudanças em sua vida com o nascimento do seu filho. Entretanto, ao acordar de um leve sono, os seus sonhos vão se desmoronando, ao descobrir que o seu filho, recém-nascido, é portador da Síndrome de Down, síndrome essa, causada por uma alteração genética, e que na época da

narrativa era mais conhecida pelo termo pejorativo: “mongolismo”. O pai ao rejeitar aquela situação imagina inúmeras possibilidades que o levasse ao tirar daquele momento, ao ponto de imaginar a morte do seu próprio filho.

(...) as crianças com síndrome de Down morrem cedo. (...) Um simples resfriado se transforma rapidamente em pneumonia e daí à morte—às vezes é uma questão de horas, ele calculava. E há mais, entusiasmou-se: quase todas têm problemas graves de coração, malformações de origem que lhes dão uma expectativa de vida muito curta. Extremamente curta, ele reforçou, como quem dá uma aula, o balançar compreensivo de cabeça—é triste, mas é real. (TEZZA, 2007, p.35)

A brutalidade presente na obra é uma das características mais marcantes, o escritor Tezza aborda sobre uma temática delicada de uma maneira direta e crua, sem rodeios, explorando os pensamentos mais mesquinhos inerentes dos seres humanos. Essa linguagem realista pode ser um reflexo dos pensamentos mais obscuros do autor, ou melhor, do seu *alter-ego* ao passar por certas situações. Segundo Leite (2007) apud Almeida (2011, p.64) “E, em muitos casos, a ficção pode apresentar os piores aspectos do criador, isto é, pode constituir o seu universo reprimido na vigília”. Ou seja, o escritor pode ter utilizados seus pensamentos mais íntimos para construir os pensamentos do personagem pai, ampliando-os, encontrando na literatura um caminho para falar sobre assuntos íntimos.

Durante as inúmeras idas e vindas aos hospitais, em um belo dia o pai resolve levar o seu filho Felipe a um fonoaudiólogo, na esperança de conseguir desenvolver a sua fala, ou pelo menos escutar a sua voz. Ao chegar na clínica, o fonoaudiólogo tenta inúmeras técnicas para estimular a fala da criança, todavia sem sucesso. Ao retornar para casa com o seu filho, o pai se sente frustrado e enfurecido com toda aquela situação e isso o leva a se envolver em uma discussão no trânsito, dirigindo palavras ofensivas a um homem que tenta ultrapassar o seu veículo. Felipe que está no banco de trás ouve todos os palavrões e ofensas, nesse momento ele profere a sua primeira palavra.

Súbito, percebe que seu filho passa a gritar ""puta" com uma eficácia articulatória que a fonoaudióloga foi incapaz de arrancar dele, a quem quer que esteja ao lado de sua janela, motorista ou passageiro, na sequência de engarrafamentos daquela avenida. (TEZZA, 2007, p. 82).

Em uma entrevista para os estudiosos da rádio universitária Cesumar FM, o autor confirmou que aquele momento realmente aconteceu, e que seu filho Felipe começou a pronunciar palavrões ao ouvir a discussão de trânsito. Entretanto, o autor confessa que ficcionou alguns momentos. “Aconteceu. Aquele é um dos fatos biográficos do livro. Eu fiz uma moldura ali, mas aconteceu. A briga no trânsito e o Felipe repetindo o palavrão que viu o pai dele gritar tão furiosamente lá fora”. (TEZZA, 2007, p.01)

Ao longo da narrativa, esse personagem totalmente complexo passa por uma jornada intensa e de muito aprendizado, no qual em alguns momentos teve inseguranças e medos. Entretanto, com a ajuda do seu filho, que a princípio o pai rejeitava, pode se autoconhecer e adquirir amadurecimento. Algo que poderia ter sido retirado das inúmeras lutas de Tezza. Ao relatar essas inúmeras questões familiares, a narrativa aborda temas como preconceito, ilusão de normalidade, etc.

Em muitas ocasiões ao longo da narrativa o personagem pai relembra momentos de sua juventude nos anos 80, quando viveu momentos importantes da vida. Esses flashbacks de momentos vividos se assemelham muito a vida do autor, por exemplo, quando o personagem lembra dos anos de teatro, da sua entrada na escola de formação da marinha mercante e do seu emprego como relojoeiro que não deu muito certo. Esse trecho a seguir resume esses momentos:

Todos os projetos pela metade, tudo parece mais um teatro pessoal que alguma coisa concreta, porque eram poucos os riscos. O medo da mesma solidão que ele alimentava todos os dias. A tentativa de se tornar piloto da marinha mercante, a profissão de relojoeiro, o envolvimento no projeto rousseauiano-comunitário de arte popular, a dependência de guru acima do bem e do mal, a arrogância nietzschiana e auto-suficiente com toques fascistas daqueles tempos alegres (ele percebe logo), enfim a derrocada de se entregar ao casamento formal assinando aquela papelada ridícula num evento mais ridículo ainda vestindo um paletó (mas não uma gravata, ele resistiu, sem gravata!), a falta de rumo, uma relutância estúpida em romper com o próprio passado, naufrago dele mesmo, depois o curso universitário com a definitiva integração ao sistema, mas nenhuma de suas vantagens, desempregado indócil, escritor sem obra, movendo-se na sombra ensaboadada de seu bom humor – e agora pai sem filho (TEZZA, 2009, p. 40- 41).

Esses mesmos acontecimentos foram também vividos por Tezza em sua juventude, comprovando mais uma vez que há relatos biográficos dentro da obra. Outros flashbacks que o pai teve, foram as suas aventuras por Portugal e o seu

trabalho no hospital das clínicas em Frankfurt. O autor não nega que esses momentos de fato aconteceram, e relata em entrevistas a veracidade desses fatos.

Chegou enfim ao prédio imenso do Hospital das Clínicas —a interminável sequência de letras na fachada lhe sugeria isso, aos pedaços —e foi direto ao subsolo, seguindo as instruções. Deveria procurar um certo Herr Pinheiro. Herr Pinheiro era um simpático argelino que falava todas as línguas do mundo. O medo agora dava espaço para uma euforia crescente—mal terminou de indagar e já foi conduzido a um vestiário, onde recebeu um uniforme todo branco e um armário para guardar suas coisas. Sete marcos a hora, a proposta. (TEZZA, 2007, p.56)

A frustração por não ser reconhecido como escritor impactava o modo como o pai enxergava o mundo. Seu sonho desde muito cedo era ser conhecido pelos seus livros, que, inclusive, muitos deles apresentados na obra possuem os mesmos nomes dos livros escritos por Cristovão Tezza. Como, por exemplo, o “Ensaio da Paixão”, livro esse que Tezza publicou em 1986, mencionado na narrativa do “O filho eterno”. “Começou há pouco a escrever outro romance, Ensaio da Paixão, em que—ele imagina—passará a limpo sua vida”. (TEZZA, 2007, p.13)

Por capricho irônico do destino, o personagem "Pai" em “*O filho eterno*” sonhava alcançar tanto sucesso com os seus livros ao ponto de largar o seu emprego de professor e dedicar-se integralmente à vida literária. O autor Cristovão Tezza também nutria esse mesmo desejo e o realizou após o lançamento do livro “*O filho eterno*” que foi um sucesso estrondoso de vendas. Essa conexão entre os mundos da ficção e da realidade ressalta a magia e a imprevisibilidade inerentes à arte, no qual tem o poder de espelhar ou até mesmo antecipar eventos e desejos da vida cotidiana.

Diante de todas essas análises, é possível perceber que “*O filho eterno*” de Cristovão Tezza é um retrato sincero e arrebatador que capta as lutas e os desafios de um pai diante da paternidade de um filho com deficiência. O autor, Cristovão Tezza, é sinônimo de inovação e sua obra conquistou vários leitores por ser um livro autêntico, no qual é explorado um tema sensível de uma forma bastante realista e dura, o que faz com que os leitores se identifiquem com a história e com seus personagens. Além disso, os traços confessionais do autor incorporam uma camada interessante e relevante à obra, resultando em uma narrativa que vai além de uma simples história sobre as relações familiares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura como representação do real pode modificar e refletir aspectos desse mundo. Muitos autores e artistas utilizam suas observações, vivências e reflexões sobre o mundo real como combustível para fornecer suas obras ficcionais, tentando proporcionar assim universos paralelos, caso esse que acontece na obra “O filho eterno”. Diante das discussões levantadas nesta pesquisa, pode-se ponderar que a obra “O filho eterno” de Cristovão Tezza tem um papel de extrema relevância no contexto literário, tendo em vista que ela representa uma parte das obras brasileiras contemporâneas de grande sucesso. Além disso, ao desenvolver a pesquisa podemos perceber que existem, de fato, aspectos da realidade do escritor em sua obra, traços confessionais que elaboram uma narrativa mais sincera e realista.

Atualmente as questões em torno da ficção e da realidade têm sido temas pertinentes em discussões literárias, filosóficas, artísticas, etc. Entretanto, é necessário haver mais pesquisas voltadas para essa área, uma vez que elas carecem de mais atenção, pelo fato da complexidade do assunto. Algo que deve ser também mais pesquisado são assuntos que envolvem as obras contemporâneas, uma vez que elas têm um papel fundamental, no qual, na maioria das vezes, refletem a sociedade atual. Por isso, essa pesquisa tem como propósito incentivar e estimular a exploração mais aprofundada dessas obras, visando adquirir um conhecimento mais amplo sobre diversas temáticas.

Ao adentrarmos na análise dessa pesquisa, podemos perceber que a leitura dessa obra é essencial para todos, uma vez que autor Cristovão Tezza, ao abordar um assunto interessante e realista, como, o cotidiano de uma família diante das lutas impostas pelo Síndrome de Down, revisita questões sociais importantes, como, por exemplo: A paternidade, a aceitação, a inclusão e as relações familiares, que levam os leitores de diferentes gerações e contextos culturais a se identificarem com a história, extrapolando assim, o âmbito literário e provocando a empatia e o respeito. Por fim, percebemos que a narrativa de “*O filho eterno*” tem um poder transformador, poder esse que a literatura proporciona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Veridiana. **Confissão com ficção: a criação biográfico-literária de Cristóvão**. 2011.190 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95457>> . Acesso em: 23 Set. 2023.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 10^o São Paulo: ÁTICA, 1984, 144.

AVERINO, Stella Tavares Braga. **AS FRONTEIRAS DA MEMÓRIA NA RELAÇÃO AUTOR/PERSONAGEM NA OBRA DE RADUAN NASSAR**. 17 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em:<[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12812/1/2014_StellaTavaresBragaAvelino.p](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12812/1/2014_StellaTavaresBragaAvelino.pdf)
f>. Acesso em: 23 Set. 2023.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).

BORGES, Beatriz Morais. **O USO DO PSEUDÔNIMO COMO REFÚGIO NA LITERATURA**. Paulo Lopes, 2022. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFGD_87cdeabbe022f9e1b2deaaffedf21898>. Acesso em: 02 Out. 2023.

BRAGA, Luana de Lima. **Fragmentação e autoficção: O professor, de Cristóvão Tezza**. 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2022. Disponível em:<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFGD_87cdeabbe022f9e1b2deaaffedf21898> .Acesso em: 11 Out. 2023.

CANDIDO, Antonio; *et al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COLLARES. Paula Renata Lucas. **O FILHO ETERNO, DE CRISTOVÃO TEZZA: ENTRE O VALOR DE MERCADO E A QUALIDADE LITERÁRIA**. Repositório da PUCRS, 2011. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/paulacollares.pdf> >.

CORTEZ, Mariana. *et al.* **A relação pai e filho embalada pela síndrome de Down em O filho eterno e Mallko y papá**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 54, p.157-174, maio.2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/wTGKcZV7DnTZc7dsddSWygP/?format=pdf&lang=pt>>.

COSTA, Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles: mímese e verossimilhança**.(2. ed). São Paulo: Ática. 2006.

CRISTOVÃO TEZZA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cristov%C3%A3o_Tezza&oldid=66850966>. Acesso em: 25 out. 2023.

MEYER, Augusto. **Do leitor**. In: Textos Críticos. São Paulo: Perspectivas, 1986.

PANIAGO, Paulo. **A AUTOFICÇÃO BIOGRÁFICA NA OBRA DE PHILIP ROTH**. Rev. Let., São Paulo, v.52, n.1, p.85-99, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/6231>>. Acesso em: 20 Out. de 2023.

PLATÃO. **A República**. 7.ed. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

POGETTI, Caroline Rodrigues de Lima. **A construção dialógica de sentidos em discursos poéticos nos heterônimos de Fernando Pessoa**. Repositório da PUCRS, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16435/1/000496767-Texto%2Bcompleto-0.pdf>>. Acesso em: 02. Out. 2023.

TEZZA, Cristovão. **Cristovão Tezza e a face da eternidade**. [Entrevista concedida a Paulo Briguet. Folha de Londrina. 23 Set. 2007.

TEZZA, Cristovão. Ensaio de Paixão. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

TEZZA, Cristovão. **O espírito da prosa: uma autobiografia literária**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TEZZA, Cristovão. **Operário da escrita**. [Entrevista concedida a Luiz Rebinski. Helena, uma revista de ideias, artes e cultura. Curitiba, 11 de Jun. de 2019. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Helena/Noticia/Operario-da-escrita>>. Acesso em: 24 Set. 2023.

TEZZA, Cristovão. **Trapo**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SARAMAGO, Victoria. **O FILHO ETERNO o duplo do pai e o filho e a ficção de Cristovão Tezza**. Rio de Janeiro: E realizações, 2013.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LAJOLO, Marisa. **Um autor, um narrador e nenhum herói**. Disponível em: <http://WWW.alb.com.br/revistas/revista_05.asp>. Acesso em 23 de Setembro de 2023.